

Ana Cristina Leonardo

O Centro do Mundo

Retrato Imaginário do Russo Apátrida Boris Skossyreff, Boris I de Andorra e Mano-Rei de Olhão, Agente dos Ingleses e Oficial da Wehrmacht, Preso e Condenado aos Gulags da Sibéria

«Ó vila de Olhão
Da Restauração
Madrinha do povo
Madrasta é que não.»
José Afonso

«This is the West, sir.
When the legend becomes fact, print the legend.»
The man who shot Liberty Valance

Primeira Parte

Capítulo um



DA FLORESTA CHEGA UMA VIBRAÇÃO cava e marcial. A cidade, que desperta sob a sua cadência, sabe que a mortandade está próxima.

O restolhar de uma árvore, caindo em câmara lenta, abafa, a espaços, o golpe dos machados. Estrondos secos estremecem a terra e eriçam os canaviais, para logo se contraírem numa bolha de silêncio que envolve as casas. Ainda mal refeitos do sono, os habitantes de Vilnius sustêm a respiração.

Cascos de cavalos a galope ecoam nas ruas desertas. Alguns postigos entreabrem-se à passagem das bestas, fechando-se de imediato com estrépito. As crianças soltam choros prematuros que abreviam a madrugada iluminada ainda pela Lua, enquanto as mães, zonzas e em surdina, se esforçam por calá-las.

Nas cozinhas, apesar do frio, as mulheres hesitam em acender o lume e rezam a São Casimiro, confundindo as preces. Os homens vestem-se à pressa, trôpegos de sono e de medo, recolhendo machados e paus que desconfiavam inúteis.

Desatam então alguns a refugiar-se nos celeiros ou nos currais, afligindo o gado. Outros, nas igrejas, clamam pela

protecção da Santíssima Trindade, e outros ainda, mais temerários ou mais loucos, cosem-se aos muros das casas, fugindo na direcção do rio. Quando o primeiro é apanhado, o dia começava já a clarear.

O homem foi derribado antes de ter tempo sequer de desembainhar o punhal que escondia à cinta. O soldado, debruçando-se da montada sobre o fugitivo que esperneia como um contorcionista bêbedo, engata-lhe uma corda à volta dos botins e, após esporear o cavalo para testar a firmeza do laço, arroja-o até à praça onde chegam, vindos da floresta, os troncos grossos que servirão para elevar as forcas. Um charco de sangue empapa o que se afigura agora uma massa informe, as carnes e as roupas esfrangalhadas, e um fino fio vermelho que se submete à inclinação do terreiro começa a serpentear por entre as artérias das pedras. O corpo imobiliza-se num último espasmo.

Uma carroça, que chega pachorrenta à revelia do frenesi que se antecipa, manobra junto ao cadáver e esmaga-lhe o peito num solavanco brusco. O condutor sente o embate, salta com destreza para o chão e encara o morto. Com as costas da mão sacode do capote os fiapos da neve que começou a cair, pragueja e pontapeia-lhe as botas que oscilam como um pêndulo. Fixa-as durante longos segundos, até que decide baixá-las. Puxa-as uma a uma de um só golpe e lança-as para dentro da carroça. Ignorando o corpo, e como que tomado de repentina energia, grita que o ajudem a descarregar as madeiras. Os homens que o aguardam abrigados acercam-se em passo de corrida. Esfregam e sopram as mãos e flectem as pernas num trote desajeitado que visa enganar o frio e dão início aos trabalhos. Alguns benzem-se à vista do morto que não se sabe por quanto tempo ali terá permanecido.

Com o avanço da manhã, calado o matraquear da floresta, os gritos ganharam a cidade.

Crianças e mulheres precipitam-se para as ruas num corupio de prantos e lamentos estridentes, vergando-se a ordens disparadas numa língua de que entendem só a violência. O fogo suplicia as casas, inflamada por momentos a luz sombria de Janeiro, para depressa se esvanecer em novos asmáticos que o vento empurra na direção dos lagos. Soldados e celerados saqueiam o que podem e riem à vista dos enfermos e velhos deixados para trás. Um deles, um cego desdentado, dançou numa roda animada, repellido à vez como um mono de trapos, os braços acima da cabeça e as pernas frouxas do pavor e da idade, até que alguém lhe decepa um braço, depois o outro, depois as pernas pela altura dos joelhos, um mar de urina e sangue e agonia encimado por um par de olhos coalhados, coto de carne lívida, ex-voto que as chamas acabariam por consumir levando-lhe o nome para sempre.

Prova de que misteriosos são os caminhos do Senhor, as igrejas esvaziam-se à paulada e de supetão os crentes apinham os átrios para pedir um milagre aos céus. Vista do alto, Vilnius lembra um mar revolto varrido pelas vagas de soldados a cavalo que encurralam gente tresmalhada que corre em todas as direções, incluindo o rio entorpecido onde muitos se lançam estilhaçando as águas geladas que os regurgitam mais à frente, estátuas gasosas levadas pela corrente, rostos azuis e membros cor de mármore, cabelos-alga, as saias das mulheres abrindo-se em leque, os olhos esgazeados ou carcomidos pelos peixes, o mesmo rio em cujas margens a mãe de Boris, três décadas passadas, aventurando-se pelos bosques num momento

de distração da preceptora, Mademoiselle Albertine, assistirá, pálida e paralisada, ao parto de uma corça, os sentidos vidrados nos fluidos, coágulos e excrementos que o animal fará desaparecer, engolindo-os ainda a cria se bate com a lei da gravidade.

A jovem Elizabeth vomitou toda noite e jurou que nunca teria filhos. Faltou à promessa. Em 1896 vinha ao mundo Boris Michailowitsch Skossyrev¹, fruto do casamento de Elizabeth Mawrusova com Mikhail Skossyrev, militar da baixa nobreza cujo pai, familiar afastado do conde Mikhail Nikolayevich Muravyov, tinha chegado a Vilnius em 1863, integrado na comitiva do chefe dos exércitos czaristas enviado à Lituânia para conter a revolta.

O conde, férreo defensor da disciplina e bom conhecedor da alma humana, sabe que a brutalidade faz parte do ofício, apesar de o seu excesso expor as tropas ao desmando e ao deboche. O segredo, diz Mikhail Nikolayevich Muravyov enquanto abocanha um naco de porco acabado de chegar à mesa, está em ministrar a violência na dose adequada, regendo-a à maneira de um maestro.

— A dissonância precede a harmonia, a discórdia precede a ordem. Sem o medo... Dizei-me, o que seria da ordem sem o medo? — remata após aliviar um arrote. O contacto com um ou outro agitador reincidente só lhe havia reforçado a convicção, garante enquanto limpa as beijas por onde esguicham palavras e gordura.

Estava ali para repor a lei. Prometera ao czar que cumpriria a missão com inteireza, a mesma que havia posto no estudo

¹ A passagem de Skossyrev a Skossyreff, apelido pelo qual o russo ficará conhecido, dá-se quando este se casa em Marselha com uma francesa, fruto provavelmente das regras de transliteração do russo para o francês.

da matemática nos anos de juventude, e assim faria, «Pelos mártires!». As feições de traços asiáticos e cruéis contorciam-se ao rasgar da carne com os dentes. Bebeu um trago de cerveja, limpou os dedos à toalha e arrotou de novo:

— A guerra é isso. Cálculos rigorosos aliados ao desvario das criaturas de Deus.

O czar agradecer-lhe-ia: a repressão foi avassaladora. O Grão-Ducado da Lituânia, que após pouco mais de um século como reino medieval independente acabaria por se aliar à Polónia, abrindo caminho à República das Duas Nações, viu-se definitivamente anexado ao Império Russo em 1795¹, após atribuladas partilhas entre russos, prussianos e austríacos². A russificação nunca foi bem recebida, apesar de, com o czar Alexandre II, as medidas draconianas que haviam sido impostas após a Revolta polaca dos Cadetes de 1831 terem sido amenizadas. Três décadas eram passadas e no início de 1863 deflagrava em Varsóvia a Revolta de Janeiro. O rastilho manteve-se polaco, o tumulto alastra de novo a vastas regiões da Santa Rússia. O conde Mikhail Nikolayevich Muravyov chega à Lituânia decidido a pôr-lhe cobro. Toma a seu cargo centenas de enforcamentos públicos, ordena milhares de deportações para a Sibéria, proíbe o lituano e o alfabeto latino, confisca e saqueia e incendeia vilas e aldeias. Esmaga a rebelião com tal selvajaria, tenacidade e carrego nos impostos que ficará para a história como o «carrasco de Vilnius». E embora em nenhum documento conhecido Boris Skossyreff o tenha incluído na sua genealogia, não há regra romanesca que nos impeça

¹ Mais precisamente, cerca de noventa por cento.

² Assim como a Polónia, cujo território foi dividido no mesmo ano entre a Prússia, a Áustria e a Rússia.

de invocar a favor de tal hipótese as leis de Mendel. Se, como as ervilhas, os homens não escapam à genética nem à geografia, acrescente-se-lhes a ficção e faça-se jurisprudência.

Suprimidos a benefício do leitor os lances aborrecidos e chegado Boris Skossyreff aos anos de juventude, atalhe-se-lhe um carácter temerário e grande pendor para as línguas.



Fala russo, lituano, francês e alemão; inglês e espanhol só aprenderá mais tarde. A sua insolente teimosia, que muito afligia a mãe, leitora do suíço Lavater¹ e alma inclinada ao espiritismo e achaques², combinava-a com retiros ensimesmados durante os quais se dedica à leitura, alternando as glórias dos Antigos com feitos de Arsène Lupin, obras de Henry James, Turguéniev e Gógol. Partidário de Petr Frantsevich Lesgaft, anatomista russo

¹ «L'entêtement est la force des faibles», escreveu o fisionomista.

² Mademoiselle Albertine, «une femme du monde», como se define a si própria talvez d'après Feydeau, atribui-os mais à mortificação dos espartilhos do que a espectros transviados. Para Feydeau, pode o leitor consultar por sua conta e risco o n.º 7 de *Les Nouveaux Cahiers de la Comédie-Française*, dedicado ao dramaturgo francês.

cujas ideias progressistas sobre a pedagogia do corpo são encaradas com suspeição na família, fará sempre uma ressalva ao recolhimento literário: trinta flexões matinais e ao ar livre, seguidas de meia hora de braçadas no ribeiro que corre junto à casa. Em Olhão, vila do Sul da Europa que visitará próximo já dos quarenta, todos lhe invejarão a forma física. «Et pour cause», diria agora Albertine se Proust não a tivesse matado.¹

¹ Como se verá, a personagem Albertine, de quem aqui se fala, morrerá velha e acamada e sem que se lhe conheçam trânsitos amorosos, diz-se que passados os oitenta, ao contrário de Albertine Simonet, a paixão de Marcel. A frase «Et pour cause», diria agora Albertine se Proust não a tivesse matado» é assumidamente um expediente literário.